


Prólogo.

Com o vento rápido passando, a jovem princesa acelera seu cavalo enquanto foge sem olhar para trás, Seus longos cabelos brancos dançavam ao ritmo do vento que soprava pela clareira, enquanto ela acelerava seu cavalo com determinação e pavor entrelaçados em seu olhar. As folhas secas do outono se agitavam sob as patas do animal, criando uma trilha que marcava a passagem tumultuada com o coração acelerado, refletindo a situação, e lágrimas de angústia nos olhos, correndo pela floresta adentro onde cada galho e arbusto pareciam sussurrar segredos de proteção à jovem que se ousava passar por entre as árvores.

Mas essa história não começa aqui, não agora. Essa história começa a 27 anos atrás, em 1823, o ano da praga para o Rei Almeric II e seu gélido reinado que, depois de séculos em paz, se encontrou em desespero e chamas, O que antes era um lugar de paz e prosperidade tornou-se um cenário de pesadelo, e a busca por justiça e vingança começou a fermentar nos corações dos sobreviventes.

A história do reino agora está marcada pela brutalidade da invasão, deixando cicatrizes que não podem ser facilmente apagadas. A busca por reconstrução e justiça recai sobre os ombros dos poucos sobreviventes, enquanto o legado da família real é atingido pela tragédia que os invasores impuseram

1823.

 que começou como um ano tranquilo como todos os outros, se tornou o pior da história do reino de Soyala. No início do mês de Abril, o reino de Soyala conhecido por ser o mais frio e gélido entre todos os outros reinos, sofreu com acidentes terríveis, que ficaram marcados como as quatro grandes ondas de 1823. A primeira onda foi em abril, quando grande parte das colheitas de todo o reino foram criminosamente incendiadas, o que causou uma enorme escassez de comida, obrigando o reino a ter que importar maiores quantidades de mantimentos de fora, porém grande parte das fazendas do reino ficaram sem suas colheitas e perderam o dinheiro da sua renda. A segunda onda ocorreu logo no mês seguinte, em Maio, algo parecido com uma grande epidemia, devido a carnes envenenadas e colheitas estragadas, partes dos vilarejos e até os nobres sofreram e morreram, incluindo três dos nove filhos do rei que morreram por pragas. a partida precoce do Príncipe Gregory, O quinto na linha de sucessão do Rei Almeric II e a Rainha Emerie, A notícia de sua grave doença abalou os alicerces do castelo, e o luto pesou como uma nuvem sombria sobre os habitantes. A tragédia não se limitou ao príncipe, estendendo-se às princesas gêmeas, Idália e Ianthe, as filhas mais novas do Rei. Inseparáveis desde o nascimento, aos meros 5 anos de idade, foram cruelmente levadas por uma praga. Rumores entre os empregados do castelo sussurravam que ambas partiram na mesma noite, abraçadas. A Terceira Grande Onda ocorreu entre o meio de Agosto e o início de Setembro, onde os vilarejos pobres e os nobres foram aterrorizados por ondas de invasões organizadas e assaltos em grande escala, mas isso nem chegou perto do pior e mais trágico acontecimento do ano de 1823.

E por fim, A quarta grande onda de Soyala ficaria registrada como um marco sombrio na história do reino. Em um único dia, as barreiras protetivas que guardavam a nação e até mesmo os imponentes muros do palácio real

desmorraram, como se sucumbissem a uma força invisível e traiçoeira. Essa catástrofe, no entanto, não foi fruto do destino, mas sim de uma traição montada estrategicamente pelo conselheiro, até então considerado um fiel companheiro do rei. A perda foi imensa. O rei, em meio à devastação, encontrou-se diante de um destino cruel e inevitável. Sua própria vida foi ceifada, deixando o reino órfão de liderança e imerso na confusão que se seguiu à traição trágica.

A quarta grande onda ocorreu em uma única noite, quando todo o reino achou que finalmente seus dias de terror acabaram, mas na verdade, só havia começado. Um grupo grande de homens, traidores infiltrados no exército e fortemente armados invadiram o reino após uma queda na barreira de proteção e rapidamente dizimaram uma parte dos vilarejos, invadiram casas e renderam seus moradores e, até mesmo, invadiram o palácio onde, sem misericórdia mataram todos que viam pela frente. O ataque impiedoso deixou o reino em desespero e luto. As cinzas ainda pairavam no ar quando os invasores completaram sua selvageria. As ruas antes vibrantes agora eram testemunhas mudas da carnificina, com os vilarejos transformados em cenários de destruição. Os invasores não demonstraram piedade, invadindo casas e rendendo indefesos moradores. Até mesmo o palácio, outrora um bastião impenetrável, caiu perante a fúria dos traidores. O massacre atingiu seu ápice quando o Rei Almeric II, sua Rainha Consorte Emerie e três de seus filhos foram brutalmente assassinados, o segundo na linha de sucessão, príncipe Gilbert viu seu destino ser interrompido aos 17 anos, cujo foi brutalmente assassinado na frente de sua irmã mais nova, A princesa Ivy de 11 anos, a sexta filha do rei, que foi testemunha da morte cruel de seu irmão e que, logo teria o mesmo destino pelas mãos dos invasores que destruíram e matavam tudo que viam pela frente. A onda de invasores implacáveis avançou pelos corredores do palácio, onde nenhum lugar era seguro. A sala do trono, outrora símbolo de autoridade e governança, tornou-se o cenário macabro das mortes do Rei Almeric II e sua Rainha Emerie.

Os estábulos reais foram o último refúgio do pequeno Gian, o último na linha de sucessão após a segunda onda de ataques que tirou a vida de suas irmãs mais novas. A tragédia resultou em apenas três sobreviventes: Galliard, o primogênito e primeiro na linha de sucessão que escapou por estar fora do palácio, o rapaz gostava de cavalgar nas noites junto com seus irmãos Gilbert e Gallot que eram gêmeos, porém naquela noite específica apenas Gallot foi para o passeio noturno, sem sequer imaginar o que nunca mais veria Gilbert, seu irmão gêmeo, ou nenhum de seus outros irmãos, exceto a princesa Isadora que, ao notar a invasão e que não teria chance contra eles, buscou refúgio na cozinha dos criados. Escondendo-se numa dispensa por debaixo do assoalho, tendo que tapar a boca com as próprias mãos por tamanho terror enquanto via por pequenas frestas nas madeiras, seus criados sendo friamente atacados e engasgando no próprio sangue até seu trágico falecimento.

A quarta grande onda não só destruiu as estruturas físicas do reino, mas também abalou suas fundações éticas, marcando uma era de sombras e incertezas que exigiria coragem e determinação para ser superada.

A história do reino desenrola-se agora com estes três sobreviventes entre a família real, cada um carregando o peso da perda e da tragédia de formas únicas. Enquanto Galliard enfrenta a responsabilidade de liderar em meio à destruição, Gallot se vê atormentado pela ausência de seu irmão gêmeo, e Isadora, escondida nas sombras da memória, fica marcada pelo horror que testemunhou. O futuro do reino está nas mãos dos Irmãos, à medida que enfrentam os desafios de reconstruir não só o que foi fisicamente destruído, mas também o emocional que foi dilacerado pela invasão impiedosa. A história do reino agora está marcada pela brutalidade da invasão, deixando cicatrizes que não podem ser facilmente apagadas. A busca por reconstrução e justiça recai sobre os ombros dos poucos sobreviventes, enquanto o legado da família real é atingido pela tragédia que os invasores impuseram.

Galliard, agora tomando a responsabilidade de reconstruir o que a tragédia havia desfeito, uniu-se na sabedoria do antigo conselho de seu pai. Diante dos escombros emocionais e físicos do reino, ele buscou a experiência daqueles que haviam servido fielmente à monarquia em tempos mais amenos.

Em uma sala marcada pela dor e pelas memórias recentes, Galliard reuniu-se com os conselheiros. Suas expressões, agora refletiam uma determinação resoluta diante da adversidade. A perda de seu povo, parentes e, acima de tudo, seu pai, pesava sobre os ombros do jovem monarca. Unindo forças, o novo rei e os conselheiros começaram a traçar um caminho para a recuperação. As ações necessárias para manter o reino a salvo foram delineadas em estratégias intrincadas e planos minuciosos. Era uma dança delicada entre preservar a memória do passado e abrir caminho para um futuro renovado.

Galliard, impulsionado pela coragem e pela herança que carregava, liderou com resiliência. O conselho, uma força de estabilidade e experiência, orientava-o através das complexidades da reconstrução. Cada decisão era tomada com o objetivo de preservar a monarquia e honrar a memória daqueles que haviam sacrificado suas vidas.

À medida que o reino se esforçava para se recuperar das cicatrizes profundas deixadas pela tragédia, cada decisão tornava-se uma delicada dança entre a preservação da monarquia e a homenagem aos que haviam sacrificado suas vidas. Em meio a esse labirinto de responsabilidades, Gallot, nomeado por seu irmão como o novo líder do exército e braço direito do rei, emergiu como uma figura central.

Antes conhecido por sua jovialidade e espírito vibrante, Gallot transformou-se em um homem sério, carregando nos ombros o peso das expectativas e a responsabilidade de liderar o exército real. Seus olhos, uma vez repletos de jovialidade, agora refletiam a gravidade das decisões que precisava tomar para manter a segurança do reino. Ele assumiu o comando com uma determinação que inspirava respeito e confiança. Seu treinamento militar e sua habilidade estratégica eram agora ferramentas afiadas, moldadas pela urgência de proteger o que restava da monarquia. Ao lado do rei e do conselho, Gallot era a linha de frente na defesa do reino. A jovialidade deu lugar a uma maturidade forjada pela responsabilidade e pela dor. Cada decisão tática era uma homenagem silenciosa aos que perderam

suas vidas, dedicado à preservação da monarquia e ao cumprimento do legado de seu irmão. Em suas ações, ele buscava equilibrar a severidade necessária para proteger o reino com a promessa de honrar aqueles que deram suas vidas por ele. O passado moldou Gallot, mas era o presente que o desafiava a ser a voz de coragem e ação em um reino em reconstrução.



Após anos de esforços incansáveis e dedicação, as ruínas de Soyala foram transformadas em um testemunho resplandecente de resiliência. Casas reconstruídas, muros fortificados e terras férteis mais uma vez produtivas — o reino estava, finalmente, inteiro novamente. A reconstrução não apenas restaurou a beleza física, mas também simbolizou a renovação da esperança e a força da comunidade unida. Com a prosperidade retornando aos domínios de Soyala, o conselho, em uma reunião, decidiu que era hora de reavivar a linhagem real. Era o momento de garantir o futuro da monarquia, assegurando que a chama da governança continuasse acesa. Assim, as discussões começaram sobre a escolha de pretendentes para o rei que lideraria o reino com sabedoria e compaixão. Nas salas silenciosas do castelo, os conselheiros vasculharam listas de nobres, e herdeiras de terras vizinhas. Cada pretendente era avaliada não apenas por sua linhagem, mas também por suas habilidades de liderança, suas virtudes e seu comprometimento com o bem-estar do povo. A seleção, porém, não era apenas um ato burocrático. Era uma busca por alguém que personificasse não apenas o poder, mas também a empatia e a dedicação ao reino. À medida que o processo se desdobrava, a cidade vibrava com expectativas. Rumores de alianças e promessas ecoavam pelos corredores. O povo de Soyala, após enfrentar adversidades juntos, esperava ansiosamente pela próxima fase de sua história, quando uma rainha adequada seria coroada para guiar o reino ao lado do rei com sabedoria e compaixão.

À medida que o sol se punha sobre Soyala, iluminando o céu com tons de laranja e púrpura, uma grande lista de jovens pretendentes chegou à cidade, cada um levando consigo aspirações e anseios. No entanto, dentre todos os nomes, um se destacou de maneira singular: Matrona Mallory, vinda de uma das ilhas ao sul-sudoeste do reino de Soyala. Uma jovem de dezenove anos cujo nome era pronunciado com um sussurro reverente pelos lábios dos habitantes de Soyala. A notícia da chegada de Matrona logo se espalhou como fogo nas ruas. Uma expectativa vibrante pairava no ar quando o povo, curioso e esperançoso, se aglomeravam para vislumbrar aquela cujo nome estava destinado a estar entrelaçado com o destino da monarquia. No palácio, o conselho real aguardava a chegada da jovem nobre Matrona. A atmosfera no salão era carregada de antecipação. O tapete vermelho se estendia pelo corredor central, conduzindo até o

trono real. A jovem, nascida como nobre na pequena Ilha de Valência, próxima às terras de Melione, foi convocada pelos sábios e conselheiros, adentrou o palácio com uma postura que denotava uma mistura de graciosidade e determinação.

Na majestosa sala do conselho, o silêncio pairava como uma cortina densa, aguardando o momento em que a Matrona seria apresentada. As portas se abriram lentamente, revelando uma figura imponente: Matrona, uma mulher alta, cujos cabelos cacheados e escuros como ébano caíam como uma cascata até a cintura. Seus olhos eram intensamente avermelhados. A jovem, envolta em trajes vermelhos que exalavam uma elegância sem igual, adentrou a sala com uma postura que refletia não apenas confiança, mas também uma determinação inabalável. Seu caminhar era firme, como se cada passo marcasse não apenas sua presença física, mas também sua influência iminente naquele reino. O conselho do rei, inicialmente tomado por uma calma solenidade, foi surpreendido pela aura magnética que envolvia a recém-chegada. Uma onda de murmúrios percorreu a sala, enquanto os olhares se fixavam na figura cativante da Matrona. Sua apresentação não era apenas um ato formal; era uma revelação de poder diante de todos, a jovem assumiu seu lugar no conselho com uma graciosidade irresistível. O silêncio que antes dominava a sala deu lugar a uma atmosfera carregada de antecipação e respeito. A Matrona não apenas tomou o fôlego do conselho do rei, ela se tornou a personificação da elegância e do comando, lançando as bases para sua influência iminente como rainha. Desde então, não demorou muito até que um acordo de casamento fosse feito e Matrona fosse declarada como atual rainha de soyala, e esposa de Galliard. Assim, por comemoração a nação reconstruída, e a família real pronta para crescer novamente, os festivais e as tradições de casamento duraram ao todo dois dias e duas noites, aberta para todo povo. Embora tenha sido uma influência significativa, sua autoridade não foi suficiente para manter o controle absoluto sobre o conselho. Mesmo após a celebração e os festivais que marcaram a recuperação do reino das cinzas, o rei percebeu que a estabilidade conquistada era frágil e dependia de alianças estratégicas para garantir a paz duradoura.

Determinado a fortalecer seu domínio, o rei deixou a capital de Soyala, Kirsi. E iniciou uma jornada longa que o levou a atravessar continentes e explorar vastos mares por meses. Sua primeira parada foi em Moriko, na capital Eldralore, uma terra conhecida por suas tradições culturais ricas e profundamente enraizadas, Lá, ele buscou estabelecer um pacto de cooperação mútua, Em troca da proteção militar oferecida pelo rei, Moriko comprometeu-se a compartilhar consigo e com seu reino uma parcela de suas riquezas naturais, frutos de sua floresta e minerais de suas montanhas sagradas, em uma aliança que prometia não apenas força, mas também um novo respeito entre as duas terras.

De Moriko, o rei, foi para Melinoe, um lugar envolto em mistério e misticismo. Os sacerdotes de Melinoe possuíam conhecimentos arcanos que poderiam ser decisivos em batalhas futuras. O rei, ciente da importância desses segredos, ofereceu proteção e respeito às suas práticas em troca de apoio espiritual e mágico. Continuando sua odisseia, O Rei finalmente chegou a Meereen, sua última parada antes de voltar finalmente para casa. Este lugar, conhecido como terra branca,

quase tão congelante quanto Soyala, era envolta em mistérios e lendas antigas. Meereen era regida por um mito que falava de dois irmãos de gelo, deuses frios e irritados que protegiam a ilha e seus habitantes com zelo inabalável. Esses deuses, segundo a crença popular, eram a força por trás das tempestades que frequentemente assolavam a região e do clima gélido que prevalecia durante todo o ano. Apesar da austeridade de seu clima e das histórias de divindades severas, Meereen estava excepcionalmente movimentada devido a uma celebração histórica e única. Visitantes de várias partes do mundo haviam chegado para testemunhar um evento raro: o desabrochar da árvore de gelo. Esta pequena árvore, cuja beleza era inigualável, possuía folhas de cristal que brilhavam como diamantes sob a luz do sol. A árvore crescia protegida dentro de uma cúpula de vidro situada no coração da cidade.

A comemoração em torno do desabrochar da Árvore de Gelo era um evento de grande significado para os habitantes de Meereen. Diziam que a árvore floresce apenas uma vez a cada século, e seu desabrochar era interpretado como um sinal de bênçãos e prosperidade para os anos vindouros. A cidade, normalmente calma e serena, estava agora repleta de cores, sons e aromas dos festejos, com mercados cheios de mercadorias exóticas e ruas adornadas com bandeiras e luzes cintilantes. O rei, ao chegar à ilha, foi recebido com grande hospitalidade e curiosidade. Os líderes locais o conduziram até a cúpula que abrigava a Árvore de Gelo, onde ele pôde ver de perto a magnífica planta cristalina. A visão era deslumbrante; as folhas de cristal refletiam a luz em um espetáculo de cores que pareciam dançar no ar gelado. Esse momento foi para o rei não apenas uma experiência visual, mas uma reafirmação de que a beleza e a esperança podem surgir mesmo nas condições mais difíceis.



Galliard, aguardando a chegada dos líderes da ilha para firmar uma aliança de paz, foi designado a um quarto em um dos locais mais sagrados de Meereen: O grande templo. Este templo, imponente como um castelo, dominava a paisagem com sua arquitetura magnífica e suas torres que se erguiam em direção ao céu. Construído inteiramente de mármore branco, o templo irradiava uma pureza quase etérea, refletindo a luz do sol de uma maneira que fazia com que suas paredes brilhassem com um brilho suave e perolado.

Ao entrar no templo, Galliard foi conduzido por corredores amplos e decorados com intrincados relevos que narravam a história da ilha e de seus protetores divinos. No coração do templo, ele se deparou com uma visão que o deixou sem fôlego: uma grandiosa estátua dos irmãos do gelo, os deuses venerados de Meereen. Esta obra-prima em mármore branco ocupava o centro do salão principal, capturando os irmãos em uma pose graciosa e dinâmica, como se estivessem eternamente dançando. A estátua era um testemunho impressionante da habilidade dos artesãos

de Meereen. Os detalhes eram tão minuciosos que as figuras pareciam quase vivas, os músculos e vestes esculpidos com uma precisão que desafiava a lógica. O aspecto mais impressionante, no entanto, eram os olhos das estátuas. Feitos de grandes safiras azuis, eles pareciam observar todos que passavam, emitindo um brilho hipnotizante que conferia às figuras uma aura de divindade e mistério. As pedras preciosas capturavam a luz do ambiente, refletindo-a de uma maneira que dava a impressão de que os olhos estavam vivos e observando tudo ao redor. O brilho hipnotizante das safiras conferia às estátuas uma presença quase divina, imbuída de um poder misterioso que dominava o salão.

Galliard não pôde deixar de sentir a grandiosidade e o peso histórico do lugar. O templo não era apenas um edifício religioso; era o coração espiritual de Meereen, um símbolo da fé e da resiliência de seus habitantes. A dança eterna dos irmãos de gelo no centro do salão era um lembrete constante da proteção e do poder divino que eles acreditavam os guardar. Ao se aproximar das grandiosas estátuas dos irmãos de gelo no centro do salão principal do templo, Galliard notou um detalhe que havia passado despercebido à primeira vista. Abaixo das figuras imponentes, na base de mármore branco polido, estavam gravados dois nomes que ressoavam com uma aura de mistério e poder: Galinarael e Khione.

A estátua de Galinarael, o primeiro dos irmãos, destacava-se pelas impressionantes safiras azuis que adornavam seus olhos. As pedras preciosas, incrustadas com precisão, capturavam e refletiam a luz de uma forma quase mágica, dando a impressão de que Galinarael estava vivo e observando atentamente tudo ao seu redor.

O brilho intenso das safiras parecia pulsar com uma energia própria, conferindo à estátua uma presença quase hipnótica que dominava o ambiente. Em contraste com a figura imponente de Galinarael, Khione apresentava uma característica singular que imediatamente prendeu a atenção de Galliard. O olho direito de Khione era adornado com uma única e grande ametista, cuja profundidade de cor variava do roxo profundo ao lilás claro, dependendo do ângulo da luz. A ametista emitia um brilho suave e misterioso, imbuindo a estátua de uma aura enigmática, no entanto, o que mais intrigou Galliard foi o olho esquerdo de Khione. Diferente do direito, este estava vazio, sem nenhuma pedra preciosa a preenchê-lo. O espaço vazio contrastava fortemente com a riqueza da ametista no olho direito, como se a pedra tivesse sido perdida. Enquanto aguardava pelos atuais líderes de Meereen, o Rei Galliard decidiu explorar mais profundamente o grande templo que servia como local de encontro temporário. A atmosfera era imponente e solene, com estátuas antigas observando silenciosamente de seus pedestais enquanto ele percorria os corredores adornados com tapeçarias coloridas e incensos aromáticos que permeavam o ar. Galliard foi conduzido a uma sala ornada com almofadas bordadas e tapetes luxuosos, onde foi servido com bebidas quentes, aromáticas e fortes, que eram uma especialidade da culinária local. Os pratos, uma mistura de sabores exóticos e temperos intensos, refletiam a riqueza cultural e histórica da região. Enquanto desfrutava da hospitalidade dos anfitriões, Galliard foi informado pelos anciãos do templo que os líderes de Meereen enfrentavam uma tempestade severa

que havia interrompido suas viagens. Com pesar, eles comunicaram que seria impossível os líderes chegarem antes de algumas semanas, dependendo das condições do mar.

O Rei considerou a situação por um momento, olhando ao redor da sala ornada e pensando nas responsabilidades que aguardavam por ele em seu próprio reino. No entanto, ele reconheceu a importância de manter boas relações com Meereen e de fortalecer os laços entre os povos. Assim, sob a luz suave das lanternas de papel e o aroma calmante dos incensos que queimavam em honra aos deuses antigos, o Rei Galliard aguardou pacientemente pelo retorno dos líderes de Meereen, sabendo que sua estadia prolongada havia fortalecido não apenas os laços diplomáticos, mas também sua compreensão do povo e da terra que agora temporariamente chamava de lar.

Ao meio da noite, enquanto passava pelo salão do grande templo, o rei parou para olhar as estátuas mais uma vez. A luz da lua, filtrada por uma janela estreita e alta, pintava o mármore das estátuas com um brilho prateado. Galliard caminhava lentamente entre elas, seus passos ecoando suavemente no chão frio de pedra. Seus olhos percorriam cada detalhe esculpido: as expressões sérias dos rostos, as vestimentas meticulosamente esculpidas e, especialmente, as jóias que adornavam os olhos das estátuas, cintilando misteriosamente sob a luz lunar. Enquanto se aproximava das estátuas, Galliard sentiu um arrepio percorrer sua espinha. Uma corrente de ar frio passou por ele, fazendo-o estremecer ligeiramente, seu coração batendo um pouco mais rápido. Foi então que uma voz suave, quase como um sussurro, ecoou em seu ouvido, quebrando o silêncio da noite

— É uma bela estátua. Não acha, vossa magestade?

Galliard se virou bruscamente, seus olhos varrendo o salão vazio à sua volta. Não havia ninguém ali além dele mesmo e das estátuas silenciosas. Uma sensação de desconforto começou a se instalar em seu peito, misturada com uma estranha admiração pela voz que ele tinha acabado de ouvir. O Monarca hesitou por um instante, olhando mais uma vez para a estátua diante dele. As Safiras pareciam agora observá-lo com um brilho enigmático, como se guardasse segredos antigos que só poderiam ser desvendados em momentos como aquele. Com o coração ainda pulsando no peito, Galliard finalmente virou-se para sair do salão. Enquanto suas passadas o levavam para longe das estátuas e da voz que o havia surpreendido, ele sentiu que a presença, embora invisível, ainda o acompanhava, como se as figuras petrificadas do templo tivessem ganhado vida por um breve momento, apenas para lembrá-lo de que nem tudo o que está imóvel é completamente inerte.

Foi então que um movimento repentino capturou sua atenção. Entre os ramos das árvores, pequenos pontos luminosos dançavam como estrelas fugazes. Galliard piscou, tentando focar melhor. Eram vagalumes, centenas deles, voando em um frenesi de luzes brilhantes que contrastavam com o fundo escuro da noite e a neve que cobria o chão. Curioso com a presença dos vagalumes em uma noite fria de inverno, Galliard sentiu um impulso inexplicável de seguir aquele bando de criaturas luminosas que agora desapareciam além do portão do templo e se dirigiam para a

floresta adormecida. Sem hesitar, o rei envolveu seu manto mais firmemente ao redor dos ombros e começou a atravessar o pátio, seguindo os rastros luminosos que os vagalumes deixavam no ar gélido. Seus passos ecoavam silenciosamente sobre a neve compactada enquanto ele adentrava na floresta, cada vez mais envolto pela escuridão e pelo silêncio majestoso da noite. Os vagalumes o guiavam mais fundo entre os pinheiros, suas luzes intermitentes criando um efeito mágico ao redor de Galliard. O ar fresco da floresta parecia carregar um mistério, como se ele estivesse prestes a descobrir algo que há muito tempo estava adormecido nas sombras daquele lugar.

À medida que avançava, Galliard percebia a beleza serena da floresta à noite. Os flocos de neve brilhavam sob a luz da lua, criando uma paisagem quase irreal. Os galhos dos pinheiros se estendiam como guardiões silenciosos, e o rei sentia uma conexão profunda com a natureza ao seu redor. Eventualmente, os vagalumes diminuíram em número, dispersando-se entre as árvores. Galliard parou, observando-os desaparecer gradualmente na escuridão. Ele estava sozinho na floresta agora, rodeado pelo silêncio penetrante que só era quebrado pelo ocasional farfalhar das folhas ou o uivar distante do vento.

À medida que o Rei se aventurava mais profundamente na floresta, a escuridão se tornava mais densa ao seu redor. As pequenas luzes luminosas pareciam guiá-lo com uma intenção misteriosa, levando-o por trilhas estreitas e caminhos ocultos entre as árvores cobertas de neve. Inicialmente encantado pela beleza dos vagalumes, Galliard logo percebeu que havia se afastado bastante do caminho que o trouxera até ali. A floresta à noite se transformava em um labirinto de sombras e murmúrios, onde cada árvore parecia se fundir com a próxima, obscurecendo qualquer ponto de referência familiar. O frio da noite começava a penetrar através de seu manto, aumentando a sensação de isolamento. O rei olhava ao redor, tentando discernir qualquer sinal de direção, mas as silhuetas cambiantes das árvores e o murmúrio do vento na folhagem obscureciam sua visão e audição. Quando a incerteza começou a se instalar em seu coração, Galliard avistou uma luz fraca e branca à distância. Ela piscava suavemente como uma estrela distante, refletida próximo a uma cachoeira que deslizava suavemente entre as rochas cobertas de musgo. Uma mistura de alívio e curiosidade o impulsionou na direção da luz, guiando seus passos com cautela através do terreno irregular.

À medida que se aproximava, Galliard notou algo ainda mais intrigante. Sombras fugidias pareciam dançar nos limites de sua visão periférica, movendo-se silenciosamente entre as árvores e desaparecendo como fumaça ao vento. Ele ergueu uma mão para afastar os galhos baixos que se enroscavam em seu caminho, sentindo uma presença indescritível ao seu redor. Decidido a não se deixar levar pelo medo, Galliard respirou fundo e se aproximou da luz brilhante, agora revelando uma pequena clareira onde a cachoeira caía suavemente em uma piscina cristalina. Era ali que a luz parecia emanar. Então, entre os suspiros do vento e o murmúrio da água, Galliard teve a sensação de ser observado. Vultos fugazes se moviam ao seu redor, às vezes revelando formas humanas que desapareciam antes que ele pudesse compreender totalmente sua presença. O rei

respirou fundo mais uma vez, sentindo a estranha mistura de fascínio e inquietação que tomava conta de seu ser. A noite na floresta estava cheia de mistérios que ele não poderia desvendar facilmente, mas era exatamente essa aura de mistério que o impulsionava adiante, explorando os limites entre o real e o imaginário, entre a luz e as sombras.

Quanto mais Galliard se aproximava da cachoeira, o som suave e constante da água caindo começou a preencher seus ouvidos, acompanhando o ritmo acelerado de seu coração. Cada passo parecia um eco de incerteza e expectativa, enquanto ele avançava em direção ao desconhecido, guiado apenas pela luz suave que emanava da clareira à frente. Seus sentidos aguçados captavam cada sombra que se movia ao seu redor, cada movimento que parecia quase humano, mas indefinido o suficiente para deixá-lo inquieto. Seu corpo parecia vibrar com uma energia estranha, como se estivesse sendo puxado para algo que ele não conseguia compreender completamente. Finalmente, quando Galliard emergiu na clareira iluminada pela lua, a visão que se desdobrou diante dele o deixou sem fôlego. O rei parou abruptamente, seus olhos fixos no espetáculo que se desenrolava como um sonho diante de seus olhos. Fantasmas - ou algo que se assemelhava a eles - dançavam ao redor da cachoeira como se estivessem celebrando uma festa real. Alguns flutuavam suavemente no ar, vestidos com roupas antigas que tremulavam ao vento noturno. Outros dançavam sobre as águas cristalinas da cachoeira, movendo-se em harmonia com os reflexos prateados da lua. O rei ficou paralisado, observando o espetáculo com uma mistura de fascínio e uma pitada de medo. A luz da lua transformava os vagalumes e os fantasmas dançantes em uma sinfonia de cores e sombras, criando uma atmosfera etérea que parecia transcender o tempo e o espaço. A música invisível que acompanhava a dança dos espíritos sussurrava suavemente em seus ouvidos, enchendo-o com uma sensação de reverência diante da beleza sobrenatural da cena. Os olhos de Galliard percorriam cada figura, cada gesto gracioso e cada sorriso fantasmagórico que parecia iluminar o ambiente ao seu redor. Porém, seus olhos foram presos por movimentos sutis na superfície da água. Intrigado, aproximou-se lentamente, os olhos fixos em uma figura distante. Era uma mulher, elegantemente vestida, dançando graciosamente sobre as águas como se fosse um ser de outro mundo. O que mais lhe chamou atenção foi a sua presença em contraste com tudo o mais ao seu redor. Enquanto os outros espectros pareciam sombras etéreas, sem rosto, ela era diferente. Seu corpo não era translúcido; parecia sólido e real. Seus cabelos brancos, iluminados pela luz da lua, lançavam um brilho prateado ao seu redor, como se fossem feitos de luz própria. Os detalhes de suas roupas também capturaram seu olhar. Adornos dourados reluziam com intensidade, destacando-se contra o tecido escuro que fluía em movimentos fluidos e hipnóticos com cada passo que ela dava sobre as águas. O Monarca se perguntava se era a luz da lua que fazia seus cabelos brilharem tão intensamente ou se era a magia dos adornos dourados que ela usava. Ele não conseguia afastar os olhos dela, sentindo-se atraído pela graça de seus movimentos e pela aura de mistério que a envolvia. A mulher continuou dançando, como se estivesse em um transe encantado, alheia ao mundo ao seu redor. Galliard, tomado pela curiosidade

e pela beleza da cena, sentiu um misto de fascinação e reverência. Era como se estivesse testemunhando algo sagrado, um momento único onde o divino se manifestava de uma forma que ele nunca imaginara ser possível.

Enquanto a noite avançava e a lua banhava tudo em sua luz prateada, Galliard permaneceu ali, imerso naquele momento mágico, capturando cada detalhe da dança solitária da mulher sobre as águas, sabendo que essa experiência jamais se dissiparia de sua memória. Subitamente, um estalo ecoou sob seus pés quando Galliard pisou inadvertidamente em um galho seco. O som quebrou a quietude da floresta e reverberou como um grito cortante através do ar sereno. Instantaneamente, todos os espectros, fantasmas e sombras que dançavam ao seu redor viraram-se para ele. Seus rostos translúcidos, desfigurados e contorcidos em expressões de terror e desespero. Em um frenesi de movimento, como se impulsionados por uma força invisível, os seres espectrais se precipitaram em direção ao lago próximo. Um por um, eles mergulharam nas águas escuras e desapareceram como névoa dissipada pelo vento. Em um piscar de olhos, o bosque que antes estava cheio de vida fantasmagórica se tornou silencioso e vazio, exceto por uma única figura. A mulher, cujos cabelos brancos brilhavam sob a luz crepuscular, permaneceu onde estava. Seus olhos fixaram-se em Galliard com uma curiosidade intensa e desconhecida. Ela não recuou nem manifestou medo como os outros. Em vez disso, estudou-o com um interesse profundo, como se estivesse observando uma criatura rara e desconhecida. Galliard sentiu um arrepio percorrer sua espinha enquanto enfrentava o olhar penetrante da mulher. Era como se ele fosse um intruso em um mundo que ele mal compreendia, sua presença ali, inabalável e misteriosa, enchia o ambiente com uma energia que ele não conseguia decifrar.

Galliard permanecia na clareira da floresta, fixando seu olhar na mulher que o observava em silêncio. O ambiente estava carregado de uma tensão quase palpável, até que um som atrás dele interrompeu o momento. Antes que pudesse reagir, uma figura alta o girou com rapidez, forçando-o a encarar o inesperado visitante. O rei, surpreso e desconcertado, fixou seus olhos na figura imponente que se erguia diante dele, um homem cuja pele era tão branca quanto a neve, enquanto examinava cada detalhe de sua aparência com uma intensidade inquisitiva, Galliard notava a expressão levemente raivosa, com as sobrancelhas franzidas, os lábios cerrados e o olhar severo. E então, como em um estalo, ele percebeu. Havia algo familiar naquele semblante rígido. Uma semelhança perturbadora com a antiga estátua que descansava no templo dos deuses, Galliard piscou algumas vezes exacerbado como que estava vendo, não podia acreditar que estava vendo a grande estátua em carne e osso em sua frente, chegou a pensar que estava embriagado pelas fortes bebidas do país, ou que era uma miragem, que já havia morrido e apenas não sabia, Galliard pensou em todas as possibilidades possíveis, exceto que, realmente, estivesse na presença de um deus. Mas ali estava ele, de pé, imenso e imponente, como se tivesse acabado de emergir de alguma lenda esquecida, como se até o céu reconhecesse sua autoridade. Galliard sentiu os

joelhos fraquejarem. não de medo, mas de uma reverência súbita, visceral, como se seu corpo entendesse o que sua mente ainda recusava aceitar.

A figura não dizia palavra, apenas o encarava com olhos que pareciam conter séculos de sabedoria e de peso. O tempo pareceu perder sentido ali, como se cada segundo se estendesse em eras. Galliard quis falar, mas a garganta secou; tudo nele tremia.

O rei ficou parado como uma estátua, os músculos tensos e o olhar fixo, enquanto sentia o peso esmagador do olhar do homem diante dele. Não era apenas uma observação comum, havia algo naquela presença, algo antigo, primitivo, como se os próprios olhos do estranho fossem portais para um abismo insondável. Cada segundo que passava parecia arrastar uma eternidade, e Galliard sentia sua alma sendo despida, vasculhada, julgada por forças que ele mal compreendia. Um calafrio percorreu sua espinha, mas ele não ousou desviar o olhar. Foi então que, de repente, um som sutil rompeu o silêncio espesso ao seu redor. um leve chiado, quase como o sussurro do vento entre as folhas secas. Veio de trás dele, e com ele, o feitiço do momento se quebrou. O ar ao seu redor pareceu aliviar, e a pressão invisível que o prendia como correntes começou a se dissipar. Respirou fundo pela primeira vez em minutos, como se tivesse emergido debaixo d'água. Virando-se lentamente, encontrou a origem do som: a mulher. Aquela que dançava entre as árvores como uma sombra viva, sempre fugidia, sempre distante. Agora, no entanto, ela estava parada ao seu lado, tão silenciosa quanto a noite ao redor. Seus olhos, grandes e brilhantes como os de uma coruja, o observavam com uma curiosidade serena, como se tentasse compreender quem ele era e o que havia dentro dele.

Por um breve instante, ficaram ali, os três, suspensos em um momento que não parecia pertencer a este mundo. Então, sem dizer uma única palavra, a mulher virou-se com a mesma leveza com que havia surgido. Em poucos passos graciosos, voltou para o interior da floresta, seu corpo desaparecendo entre as sombras e os troncos tortuosos como se nunca tivesse estado ali. Galliard permaneceu imóvel por mais um tempo, tentando entender o que acabara de acontecer. Tudo em seu interior ainda tremia — não de medo, mas de algo mais profundo, mais antigo, como se alguma peça dentro dele tivesse se movido, alterado seu curso. E, mesmo que quisesse, ele sabia: nada seria como antes.

— É visitante? — perguntou o homem de repente, rompendo o silêncio com uma voz alta, límpida e firme. Arqueou as sobrancelhas, mantendo o olhar severo, antes de repetir com ênfase, encarando o rei: — Você é um visitante?

E então, de súbito, era como se Galliard pudesse ouvir cada batida de seu coração pulsando alto em sua garganta — ritmada, insistente, impossível de ignorar. Cada gota de suor escorrendo por sua testa parecia pesar o dobro, denunciando o nervosismo que ele se esforçava para conter. Deu dois passos hesitantes para trás, instintivamente recuando diante da figura enigmática à sua frente, antes de inclinar a cabeça em um gesto de respeito contido.

— Vim tratar de negócios — disse ele, a voz firme, embora a tensão traísse sua tentativa de manter a compostura. — Venho de Soyala, para firmar um acordo com os líderes desta terra. Galliard sustentou o olhar, tentando parecer digno, mesmo diante de uma entidade ancestral que exalava poder e eternidade.

— Ótimo. Está diante deles. — respondeu o homem, ao rei, fazendo uma breve reverência com a cabeça antes de se apresentar. — Eu sou Galinarael. Aquela é Khione, minha irmã. Governamos esta ilha. Acredito que já tenha ouvido falar de nós. Pouco depois, a mulher se aproximou com a leveza de um sussurro. Seus passos quase não faziam som, e quando falou pela primeira vez, sua voz era como o cair da neve: suave, serena, mas carregada de presença.

— Ele veio da direção do templo — disse ela, com os olhos fixos no visitante. — Certamente viu as estátuas.

Galliard, com o olhar oscilando entre as divindades, faz menção a dizer algo — mas é interrompido pelo estalo seco de mais um galho se partindo. Entre passos quase imperceptíveis, surge por entre as árvores um dos anciãos mais antigos do reino. Ele se aproxima lentamente, curvando a cabeça em reverência diante dos deuses, em sinal de profundo respeito. Galinarael volta os olhos para o ancião e, em silêncio, responde com um leve aceno de cabeça, reconhecendo sua presença antes de sair andando em direção ao templo com Khione, quase como se esperasse que o rei fizesse o mesmo, e assim o fez. Já dentro do templo, em uma das grandes salas privadas de reunião, estavam os irmãos de gelo, Khione e Galinarael, junto ao Rei Galliard. O ambiente era amplo, com paredes de pedra pálida cobertas por inscrições antigas, e janelas altas que deixavam a luz fria da manhã se espalhar em feixes suaves pelo chão esculpido. Sentados diante de uma mesa de cristal moldada pelo próprio gelo eterno da ilha, conversavam em tom firme e atento.

Possivelmente discutiam sobre as futuras alianças entre Soyala e a ilha governada pelos deuses. Ou talvez sobre o curioso fato de o monarca ter se perdido na floresta exatamente no mesmo momento em que os deuses caminhavam por entre as árvores, coincidência demais para não ser mencionada.

Ou talvez falassem, mesmo sem dizer, sobre certas atenções que Khione — uma deusa do gelo, centenária e impenetrável — estava recebendo do Rei de Soyala ali naquela sala, *mesmo que imperceptível*.

Galinarael repousava os dedos sobre a superfície gelada da mesa, observando cada gesto com atenção tranquila. Seus olhos, frios como os ventos que cruzavam os picos da ilha, passavam brevemente de Galliard para Khione, e então de volta, como se analisasse a dinâmica invisível entre os dois. Nada dizia. Não precisava. Sua presença era o suficiente para lembrar que, naquela sala, cada palavra tinha peso, e cada olhar, um significado. Khione, por sua vez, mantinha a postura ereta e o rosto sereno. Sua voz, quando falava, era firme e clara, como água congelada

prestes a rachar. Ela expunha os termos da aliança com precisão: fornecimento de jóias puras para as os cofres de Soyala, auxílio com os fluxos climáticos do norte, em troca de rotas comerciais protegidas e apoio militar em possíveis conflitos marítimos. Era diplomática, direta, mas havia uma sutileza no modo como cruzava os braços, ou como seus olhos se demoravam por um breve segundo no rei, que dizia mais do que qualquer frase. Galliard mantinha o tom confiante, digno de um monarca, mas por dentro estava alerta. Sentia que pisava em território sagrado, e não apenas pela arquitetura do templo. Cada resposta era cuidadosamente medida. Ele sabia que uma palavra fora de lugar poderia transformar uma aliança promissora em um erro irreversível.

As horas pareciam se alongar dentro da sala gelada, como se o tempo ali obedecesse a uma lógica própria, moldada pela vontade dos deuses. Os documentos e mapas espalhados sobre a mesa refletiam a luz pálida das tochas, lançando brilhos sutis que dançavam entre os rostos imóveis. Cada gesto era calculado. Cada movimento, observado. Galliard mantinha a coluna ereta, os olhos atentos ao que lhe era apresentado, mas por trás da postura firme, sua mente fervilhava com perguntas e hipóteses. Não apenas sobre a aliança, mas sobre o que, de fato, se esperava dele ali. A terra parecia mais viva do que qualquer território que já havia pisado, como se respirasse, como se o observasse. Khione, diante dele, era como uma extensão desse lugar. Bela, fria e indecifrável, irradiava uma aura ancestral que tornava difícil distinguir se era a deusa que influenciava o ambiente ou o ambiente que a moldava. Havia um magnetismo sutil em sua presença, que Galliard tentava ignorar sem muito sucesso. Ela não o olhava com insistência, tampouco com desdém, mas havia uma consciência calma e profunda em cada gesto seu, como se já estivesse três passos à frente em qualquer conversa, mesmo sem abrir a boca. A reunião se desenrolava como uma dança silenciosa, onde tudo acontecia no não dito: os olhares desviados, os dedos que tocavam os mapas sem real interesse, as pausas longas demais entre uma proposta e outra. O gelo nas paredes não derretia, mas havia algo no ar que parecia prestes a se romper, não pela temperatura, mas pela tensão sutil que crescia, lenta e imperceptível, como uma rachadura que começa a se formar debaixo de uma superfície perfeita.



Ao amanhecer, com o céu ainda coberto por nuvens baixas e cinzentas, Galliard e os deuses da ilha, acompanhados por alguns dos anciãos mais respeitados de Meereen, assinaram os contratos de aliança entre as duas terras. A cerimônia aconteceu em uma das grandes câmaras do templo, cujas paredes de gelo refletiam a luz pálida do dia, tornando o ambiente ao mesmo tempo sagrado e silencioso.

Os termos foram selados com firmeza. Soyala se comprometeria a enviar exércitos para proteger os litorais e fronteiras vulneráveis de Meereen, fortalecendo a segurança da ilha contra possíveis invasores. Em troca, Galliard passaria a ser bem-vindo nas terras geladas sempre que desejasse, e receberia jóias naturais raras, cristais formados sob pressão e frio ao longo de séculos, suficientes para enriquecer os cofres de seu reino por uma geração inteira.

Tudo parecia resolvido. No entanto, o rei não pôde partir como pretendia. Diferente de outras alianças que concluía e deixava para trás com rapidez, desta vez a própria ilha o reteve. Uma tempestade de neve sem precedentes tomou conta de Meereen logo após a cerimônia, varrendo os caminhos, encobrendo os portos e tornando impossível qualquer tipo de viagem. O vento cortante, o gelo cobrindo trilhas e o mar revoltado tornaram o retorno a Soyala inviável. O que deveria ter sido uma estadia de três dias se estendeu por vinte e um. Três semanas em que Galliard permaneceu confinado nas terras geladas, envolvido pelas rotinas silenciosas do templo, pelos rituais dos anciãos e pela presença constante dos deuses. Meereen parecia viva ao seu redor, como se observasse cada passo, como se estivesse testando sua paciência, ou esperando que ele percebesse algo além dos acordos políticos que viera buscar.

Durante esse tempo em que a neve mantinha Galliard preso às terras geladas de Meereen, surgiram rumores silenciosos entre os corredores do templo e os salões de pedra: à noite, quando os ventos cessavam por breves instantes e a lua projetava sua luz fria sobre o gelo, era possível ver as sombras de Galliard e Khione caminhando lado a lado pelas trilhas ocultas entre os pinheiros congelados. Seus passos eram lentos, quase coreografados. A imagem dos dois, recortada contra a neblina azulada das noites meereenianas, parecia pertencer a outro tempo, como se o presente, por alguns instantes, se curvasse à presença deles. Em algumas dessas ocasiões, os dois deuses do gelo estavam reunidos com o rei. Galinarael mantinha-se sempre presente nas aparições formais, atento aos detalhes, silencioso como uma montanha prestes a desabar. Havia algo de tenso no ar quando estavam juntos, uma harmonia mantida à força, como uma superfície de gelo prestes a rachar. Era possível notar, nos momentos mais longos, o desconforto sutil do deus ao perceber a forma como Galliard repousava os olhos sobre Khione, sem pressa, sem disfarces, como se desafiasse o peso daquela eternidade que ela carregava nos ombros.

Khione, por sua vez, nunca reagia de forma direta. Seu rosto permanecia calmo, inexpressivo como a superfície de um lago congelado. Ainda assim, havia algo nos pequenos gestos, uma inclinação de cabeça, uma pausa no caminhar, um leve erguer de sobrancelhas, que sugeria que ela percebia os olhares e, de algum modo, os aceitava. Galinarael observava tudo com olhos afiados. Não dizia nada, mas sua rigidez, a forma como mantinha as mãos cruzadas ou como desviava o rosto quando os dois se aproximavam, deixava clara a irritação que crescia em silêncio.

Não era ciúme no sentido humano da palavra, mas o incômodo natural de um deus que via algo se mover fora de seu controle, um movimento sutil, quase imperceptível, mas que ameaçava alterar o delicado equilíbrio que por tanto tempo fora mantido entre eles.

Ainda assim, mesmo isolado pelas nevascas intensas de Meereen, Galliard não se desligou completamente de seus deveres como monarca. Durante sua estadia forçada nas terras geladas, continuou a enviar e receber correspondências da corte de Soyala, mantendo-se informado sobre os acontecimentos do reino e repassando ordens conforme necessário.

Foi em uma dessas cartas, lacrada com o selo pessoal da Matrona, que chegou a notícia que mudaria o rumo daqueles dias: Matrona estava grávida. esperava o primeiro filho do rei. O anúncio veio carregado de emoção, escrito com palavras cuidadosas, mas havia nelas um entusiasmo que nem o gelo de Meereen poderia esfriar. Em honra ao primogênito, ao primeiro corpo legítimo da coroa, Galliard respondeu imediatamente, exigindo que a corte real se mobilizasse para preparar os devidos festejos e cuidados. Ordenou que um enxoval completo fosse providenciado, com as melhores sedas e linho disponíveis, bordado à mão pelas artesãs de confiança do palácio. Solicitou a presença constante de médicos e curandeiros experientes, além de damas treinadas para acompanhar a gestação da Rainha de forma dedicada. Determinou também a organização de uma grande celebração: um banquete em nome do novo herdeiro, estendido à nobreza e ao povo. As ruas de Soyala seriam enfeitadas com bandeiras e fitas douradas, as fontes iluminadas com lanternas flutuantes, e o palácio abriria seus portões para uma festa que marcaria o início de uma nova era para o reino. Havia orgulho em suas palavras, mas também urgência, como se mesmo distante, o rei precisasse se reafirmar em sua posição diante do trono e do sangue que agora se perpetuava.

Apesar da notícia da gravidez de Matrona e da chegada de seu primeiro herdeiro, Galliard não parecia disposto a abrir mão da companhia de Khione durante os dias que ainda lhe restavam em Meereen. Quase todas as manhãs, era possível vê-los caminhando lado a lado por entre os caminhos congelados que cortavam as florestas da ilha, ou explorando as formações naturais de gelo que se erguiam como catedrais silenciosas nas bordas do território. Os passeios, embora discretos, tornaram-se rotina. Khione guiava o rei com a mesma leveza com que o vento desliza pela neve, e Galliard, mesmo carregando o peso da responsabilidade de uma criança a caminho, não escondia o interesse pela presença da deusa. Havia um tipo de fascínio crescente entre os dois, alimentado pela distância de suas realidades, pelas conversas contidas, pelos olhares trocados em meio ao frio cortante. Os dias se arrastavam com lentidão gelada, mas foram, para Galliard, estranhamente bem aproveitados. Meereen, com toda sua vastidão ancestral, parecia oferecer algo que nenhum outro reino poderia: silêncio, tempo, e a sensação de que o mundo obedecia a uma lógica mais antiga ali.

Ao fim de sua estadia, depois dos longos e intensos 21 dias em terras meereenianas, as tempestades finalmente cederam. O céu clareou, os portos foram liberados, e a neve compactada voltou a permitir o tráfego de navios e caravanas. Galliard, acompanhado por seus homens, pôde enfim seguir viagem de volta.

A jornada de retorno cruzou os territórios agora aliados, estendendo-se por semanas. Ao todo, foram 75 dias longe de casa, dias que haviam começado como uma missão diplomática, mas que se tornaram algo mais profundo, algo que talvez nem o próprio rei soubesse nomear. Quando finalmente avistaram as bandeiras de Soyala tremulando no horizonte, Galliard já não era exatamente o mesmo homem que havia partido. Agora, já com outros sentimentos no coração, novos pensamentos na cabeça e uma preparação silenciosa para a chegada de seu tão esperado herdeiro.